

5 - Conclusão

Um real em jogo. A complexidade da função do pai. A complexidade de uma análise.

Chegado o momento de concluir, retomemos alguns pontos do trabalho realizado para articularmos as conseqüências julgadas relevantes. Iniciamos e desenvolvemos esta tese acerca da complexidade da função do pai causados pela clínica com crianças, adolescentes e autores de agressão em situações de violência doméstica. Essa complexidade, como visto de diversas formas, deve-se a seus aspectos reais, simbólicos e imaginários, que se relacionam com a posição de quem vem representar essa função e também com a posição do sujeito.

Com Freud, a complexidade se situou em torno da questão sobre a relação do pai com a entrada no campo da sexualidade e do desejo. Como vimos, o pai não pode ser tomado como aquele que seria o responsável por essa entrada, já que a fantasia do sujeito tem aí toda sua relevância, ao mesmo tempo em que se trata de uma fantasia que não é *dele* por portar algo que “vem de fora”. A fantasia de sedução e aquelas chamadas originárias situam algo que não se reduz ao campo da significação ou do sentido.

Mas a questão é tão complexa que, se é possível situar esse ponto na escuta das históricas, aí também se destaca a idéia de que o pai teria sido um transgressor e que isso não deveria ter sido assim. Não é simples situar que o transgressivo é o próprio desejo e que isso não decorre de um pai, mas sim de algo que Lacan nomeou o significante paterno. Desse modo, a leitura que Lacan faz da fantasia trabalhada em Freud no “Bate-se em uma criança” dá não só ênfase a uma mudança no próprio encaminhamento dado à questão paterna, como também lhe possibilita introduzir o que seria a incidência do significante.

A releitura de Lacan (1969-70) do que ele chamou os mitos de Freud, por sua vez, possibilitou que uma tomada estrutural fosse feita sem recorrer demasiadamente a elementos imaginários, permitindo que se delimitasse estruturalmente a castração e o que seria o agenciamento do pai real. Essa passagem traz elementos importantes para a clínica e faz incidir sobre esta uma

nova direção. Contando com uma leitura estrutural, é mais difícil cairmos em uma redução da complexidade em jogo na função do pai, questão valorizada nessa tese.

No segundo capítulo, os casos clínicos atendidos no NAV começaram a ser introduzidos. A dificuldade de prosseguir esbarrou, a partir de então, na complexidade que é fazer valer a constatação de que, em psicanálise, teoria e prática são uma única e mesma coisa. Ao mesmo tempo, o desafio em jogo era, a partir dos conceitos escolhidos no campo da psicanálise delimitado por Freud e Lacan, ter em conta que se abordava algo presente em nossa cultura. Aí, na articulação que foi se tecendo entre teoria, clínica e o social, outra constatação se fez notar. O modo como as questões fossem sendo articuladas diria da própria dificuldade que estava sendo problematizada na função do pai. Dito de outro modo, ao escrever, algo que é próprio à complexidade dessa função se evidencia, ou seja, deparamo-nos inúmeras vezes com a dificuldade de não cair em uma universalização – pela via de abordar algo que pertencesse à ordem do necessário –, nem em uma relativização – que surgiria, caso permanecêssemos na selva dos acontecimentos sem estarmos advertidos de que os elementos se reduzem a uma estrutura. Isso diz respeito à própria complexidade da função do pai, que, se traz um *já lá*, só se dá a partir de uma posição também do sujeito.

Como articular que o fato de haver nessa função algo de necessário na constituição do sujeito – mas um necessário que não se encontra pré-determinado – pode se apresentar na contingência de diversas situações, sustentando aí o que há de paradoxal? Escrever sobre a complexidade da função do pai nos levou, na própria escrita, ao encontro da complexidade em questão. O que estava em jogo era fazer valer algo de singular (e contingente), à luz de certas coordenadas de uma determinada cadeia de transmissão. Fazer valer um trajeto próprio, dentro de um certo campo. Nesse ponto, torna-se possível destacar a complexidade em questão para o analista na sua prática, procedendo a uma comparação com o que aqui tem sido trabalhado.

Acredita-se que seja também uma complexidade em sua função o que Lacan valoriza ao dizer que o analista “*não tem nenhum pai a matar*”. “*O que ele não pode*”, diz ele, “*é se desvencilhar dos significantes-mestres de Freud*”, “*é sair desta ordem*” (1969-70: 122). Entende-se, com isso, que se não há pai a matar para ocupar um lugar na cadeia de transmissão, é porque se sabe que o pai está na mesma contingência de qualquer outro sujeito. Ele está submetido a uma certa

ordem e é chamado a responder ali. E responde em defasagem com o que se pode esperar de quem venha ocupar esse lugar. E é somente a partir da resposta do sujeito que se apresenta o que terá sido esse lugar.

O analista é aquele que recebe e sustenta um endereçamento que é feito a ele como *sujeito suposto saber*, mas não pode responder identificado com esse lugar, abrindo a possibilidade do encontro do sujeito com o que é a sua condição, ou seja, a condição de estar submetido a um *saber* que é *sem sujeito*. Aí também se faz presente a constatação de que o ato não é um ato do qual alguém se pode dizer inteiramente mestre (1968: 24/01/68). Se isso fosse possível, talvez a ilusão de haver um pai a matar se endossasse. A morte em questão se refere a esse ponto em que se apresenta o “*não estar aí*” característico do próprio inconsciente, ou ainda o vazio que se atualiza sempre que há ato. “*Penso onde não sou*” e “*sou onde não penso*” (1968: 17/01/68) refere-se à condição objetal do sujeito que só depois vê o que foi. Se ele advém, como diz Lacan, *onde o isso era*, ali isso já foi. E Lacan marca que se não for por essa via, “*o sujeito não se realiza*” (Lacan 1968: 17/01/68).

Essa aproximação (guardadas as diferenças) entre a complexidade em jogo na função do analista e a complexidade que existe na função do pai pode ajudar a retornarmos, mais uma vez, ao que há de fundamental na questão do assassinato e do pai como exceção. Isso porque a clínica que causou todo esse trabalho traz uma interrogação justamente no ponto em que algo dessa complexidade corre o risco de ser reduzido.

Quando Freud situa o pai da horda (1913), se é possível aí alguma comparação com o pai abusivo, ele também marca a importância de esse pai estar, de certa forma, em um outro campo, no sentido da *extimidade* que abordamos com base em Lacan. O pai, então, não é a exceção, pois, se assim fosse, ele se reduziria ao pai abusivo. A função do pai é complexa. Quando abordamos a questão do desejo do pai perversamente orientado, referimo-nos a um aspecto sempre pervertido e inadaptável que é próprio ao desejo. Isso não é o mesmo que o pai em uma posição perversa.

Há uma afirmação de Vappereau que aborda o que vimos tratando. Ele diz: “*é o abuso do semblant¹ que é nefasto, mas não a função do semblant que é perversa*” (1997: 29). Em seguida, acrescenta:

A sexualidade humana é fundamentalmente perversa. E nós não somos moralistas no sentido de rejeitar em bloco a perversão, mas com a condição de defini-la. E quando a perversão é bem definida, percebe-se que se pode dispensá-la (*s'en passer*) com a condição de saber servir-se dela (*savoir s'en servir*). Aqueles que não podem dispensá-la (*s'en passer*), abusam dela. Mas inversamente nós estamos numa época em que estes abusos continuam sempre, e, ao mesmo tempo, tenta-se desaparecer com a função do pai. (...) Todos os chefes, os pais, todos estes que tem uma função de *semblant*, os médicos, os juizes, eles não abusam forçosamente desta função. Mas pelo contrário, há um descrédito que foi lançado sobre esta função (Vappereau, 1997: 29).

O importante a destacar nessa passagem é que a função do pai, função de *semblant*, no sentido em que vela e revela um irredutível, pode ser reduzida em sua complexidade. Isso pode se dar tanto no momento em que se deixa de acreditar nessa função (situação característica da modernidade) quanto no momento em que se “acredita” demais nela (situação presente no caso do pai abusivo). Nos dois casos, deixa de estar em jogo o que seria recobrir e revelar um impossível. A crença, em uma determinada relação com o sentido, implica, segundo Lacan, uma suposição em seu fundo de que “*a dimensão última que se tem a revelar é estritamente correlativa do momento em que seu sentido vai desvanecer-se*” (1964: 225). A degradação da função paterna revela uma redução dessa complexidade em questão na própria estrutura da linguagem.

Voltando à questão do assassinato, Vappereau afirma que não é simplesmente porque os filhos consideram o pai abusivo, que eles o matam. Estariam misturadas aí duas coisas. Uma, a questão imaginária de competição com uma autoridade tutelar que tem permanente relação com o pai imaginário. Outra, o que está em questão com o pai morto. No último caso, não se trata do pai assassinado, do pai orangotango como Lacan o chama. O que está em jogo aí é “*o pai que sabe se apagar e, neste apagamento, coloca, instala no lugar a questão do falo*” (Vappereau, 1997: 29). O falo não é dele, mas é importante que ele o suporte e o sustente.

¹ Entende-se *Semblant* aqui no sentido em que Lacan fala dessa noção - que diz do fato de que vivemos sempre um pouco na incerteza do que nós enunciamos, pelo fato mesmo da falta e do desacordo introduzidos pela linguagem.

Isso toca na importância, tratada no terceiro capítulo, da posição e da presença do pai em relação a sua mulher, assim como a seu filho, e também a da criança em relação aos pais, pois ambas situam as condições que influenciam na transmissão de um real ou de um irreduzível decisivo na dimensão do ato, tomado como o que dá lugar ao sujeito como efeito.

Uma delicadeza se faz presente nesse ponto. Afirmou-se que o descrédito da função paterna se relaciona com uma redução da complexidade que é própria da estrutura da linguagem, mas o que significa isso? O que é próprio da estrutura da linguagem é que há um lugar Outro que não é ocupável por alguém que esteja inteiramente aí, nem é eliminável, por se tratar de um lugar que é vazio. A delicadeza mencionada se deve, então, ao que é observado na clínica e ao que cabe ao analista. Nos casos abordados, verifica-se que se, por um lado, as modificações da cultura não retiraram completamente de cena a referência a essa função do pai, por outro, a sua complexidade tem sido reduzida. Diante disso, o que cabe ao analista?

No quarto e último capítulo, trouxemos outros elementos que nos permitem dizer que não se trata, absolutamente, de tentar salvar o pai, mas sim de fazer valer as leis da linguagem. Não se trata de conduzir o paciente – que sempre tem o pai que “pode” –, mas sim o tratamento, que se orienta “*para aquilo que, no coração da experiência, é o núcleo do real*” (Lacan, 1964: 55). Cada um tem o pai que pode no sentido de que o sujeito está incluído no que é feito com as condições que se lhe apresentam. Trata-se de algo complexo, pois, como vimos, isso não quer dizer que tais condições sejam indiferentes. Na análise, nos casos em que ela faz alguma diferença, tomando aqui os casos trazidos, isso se deve à importância dada ao que aparece na fala de cada paciente, ou seja, ao que lhes afeta ou ao que se apresenta, parafraseando Lacan, “no coração da experiência”.

Entende-se, assim, que cabe ao analista fazer valer esse lugar vazio que permite ao sujeito se encontrar com a importância decisiva da fala no que constitui a sua realidade. Não se trata da fala como no discurso corrente, mas da fala, tal como diz Lacan, como “*algo que vai bem mais longe que o que assim chamamos*”. Ele o precisa: “*a fala é igualmente uma forma de ato*” (Lacan, 1953: 31). A diferença de ter isso em conta, se consideramos que o ato concerne à experiência do desejo, é a chance de, a partir daí, poder existir algo que não existia antes.